



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Testemunho]

José Carlos de Vasconcelos

Para citar este documento / To cite this document:

José Carlos de Vasconcelos, "[Testemunho]", *Colóquio/Letras*, n.º 170, Jan. 2009, p. 390-394.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

COMEÇO POR DIZER que, como leitor, conheci o Eduardo Lourenço quando tinha 16 ou 17 anos, lendo-o no Suplemento Cultura e Arte do *Comércio do Porto*, na segunda metade dos anos 50 — o que para mim, como jornalista, me dá um certo conforto, pois significa que apesar de tudo podemos não esquecer, mesmo ao fim de muito tempo, o que lemos nos jornais. Mas de facto foi depois, em Coimbra, na *Vértice*, a cuja redacção pertenci, e na Brasileira, sobretudo com os meus «compadres» Paulo Quintela e Joaquim Namorado, que o Eduardo Lourenço começou a ser alguém concreto, começou a ter, para mim, um *rostro*.

Porque o Eduardo deixou, efectivamente, um *rostro* em Coimbra. E ele não esconde que Coimbra foi importante para o seu percurso de vida. Depois, já em Lisboa, sobretudo com o Carlos de Oliveira, no grupo a que o Gastão se referiu (no qual eram pedras angulares, além dele, o José Gomes Ferreira e o Augusto Abelaira), inclusive em algumas conversas mais *coimbrinhas* a sós com ele, Carlos, passou a definir-se cada vez mais o tal *rostro*, ou um certo *retrato*, que eu veria mais tarde estar desfocado, ou pelo menos muito incompleto.

O primeiro texto seu que recebi correspondia, no entanto, à imagem que dele tinha. Foi logo a seguir ao 25 de Abril, estava eu na direcção do *Diário de Notícias* e por sua própria iniciativa o Eduardo mandou-nos um texto sobre os militares e o Poder, como imaginam muito heterodoxo para a época, que não sei se está no seu livro sobre esse tema. E com o tempo, por uma série de circunstâncias que para aqui não interessam, a nossa relação foi-se aprofundando cada vez mais. Para além de uma grande amizade e de um contacto muito frequente, fui-me transformando, creio, no seu mais constante *solicitador* e *editor* de textos em jornais e revistas, além de editor de um ou dois livros — o que me poderá habilitar a dar este testemunho pessoal.

De facto, foram inúmeros os textos que nestes últimos trinta e tantos anos tive o gosto e a honra de publicar, por vezes depois de sempre enriquece-

doras diligências, não poucas, e de conversas e insistências, muitas. Com base nessa experiência posso começar por dar um testemunho mais circunstancial e *anedótico* sobre os seus textos — não o conteúdo mas o *continente*... Que é *terrível* e de facto só por serem o que são e de quem são «aguentamos» o que eles exigem... Porque o Eduardo escreve à mão, com uma esferográfica de esfera fina (já lhe teríamos dado máquina de escrever, computador, o que quisesse se os utilizasse, mas não vale a pena...), numa letra inclinada, minúscula, a princípio às vezes bem desenhada, depois cada vez mais incompreensível. Antigamente mandava-nos os textos pelo correio, acabavam por chegar às vezes ao fim de inumeráveis dias, e nós em «ânsias» e amiúde ‘pendurados’.

Com a inovação tecnológica, se a rapidez da chegada dos textos em geral aumentou, no resto a *coisa* foi piorando. Porque o Eduardo arranjou um fax... O que quer dizer que os textos são exactamente os mesmos, mas por razões óbvias lêem-se bastante pior — são de facto praticamente ilegíveis (isto, claro, quando ele consegue que o seu «famoso» fax, para usar uma expressão muito sua, funcione, o que amiúde não acontece, obrigando-o a ir aos correios enviá-lo, etc.). Isto é: grande parte dos textos do Eduardo que recebo servem apenas para provar que *existem!* Depois telefona-se-lhe e ele dita pelo telefone o texto que escreveu. Então alguém o passa a computador, eu revejo, depois enviamos-lhe o texto pelo famoso fax para corrigir, ele corrige muitas vezes de uma forma que não se compreende, volta-se a telefonar, volto a rever, andamos nisto até que o texto lá fica pronto para publicação!

Outro aspecto, que tem a ver com algo de mais essencial, é que do meu conhecimento do Eduardo e do seu percurso de vida resulta-me a nítida sensação de que consegue estar em simultâneo no centro e na margem, na margem mas nunca *à margem*. Estar no mundo do concreto e no mundo do simbólico. No mundo da poesia e da ficção — que é para si, já mo disse, o seu verdadeiro mundo real. E creio ser também isto que explica o seu «olhar» único, incisivo, perscrutante, globalizante, iluminador, com vários focos ou mesmo a partir de vários lugares, múltiplo e uno na sua inteligência e no seu fulgor. E também por esta via creio que Eduardo Lourenço está próximo do seu Fernando Pessoa e até da heteronímia. De certo modo eu creio que Lourenço é o nosso Pessoa ao nível do Ensaio como forma de criação literária, tendo inclusive muito de ficção e uma constante pulsão poética.

Creio mais, aliás, que Eduardo Lourenço tem consciência disso. Só que com a sua modéstia, a sua tendência para se desvalorizar, transforma em defeito o que é qualidade, até *dom*. Assim, disse-me uma vez, quando fez 80 anos, e cito: «Estive sempre ao lado da minha vida distraidamente longa. Nunca estive atento. Vendo bem vivi em dois registos. Como se a minha vida

real não me dissesse respeito. Sempre a fingir que não estava lá para não estar onde estava. No fundo, sou pouco sério.»

Ora, penso que o Eduardo Lourenço sempre tem estado, continua e continuará a estar onde deve estar, onde nós o esperamos e precisamos dele. Mesmo na vida real, sua e nossa, na intervenção, inclusive cívica, no sentido mais amplo e mais nobre. Desde Coimbra. A «estar», numa espécie de alinhamento desalinhado, num empenhamento efectivo, embora por vezes distraído, um empenhamento que nunca aliena o sentido crítico; a «estar» numa solidariedade nas causas e nos princípios, sem quebra de independência de espírito nem de acção, acção que no seu caso está fundamentalmente no que pensa, no que escreve, no que publica.

E aqui julgo haver um outro aspecto ainda, interessantíssimo, a sublinhar: o facto de Eduardo Lourenço nunca ter escrito uma daquelas volumosas obras, um daqueles, com o devido respeito, «tíjolos universitários», o que alguns chamarão uma «obra de fundo». Nunca ter feito o seu célebre doutoramento, cuja tese seria sobre o Tempo e a Verdade — tese que afinal ele fez, mas de forma muito mais criativa e interventiva, anda por aí esparsa, diluída em muito do muitíssimo que escreveu. (Além disso, já agora, revelo ou recordo, o Eduardo tem um livro novo que me referiu se poderá chamar *A Rosa dos Tempos — o Fim do Mito na História Universal*, que de certo modo completará essa tese que ele formalmente nunca apresentou, em termos de carreira universitária — mas de facto, para bem de todos nós, foi fazendo ao longo da vida de forma, insisto, muito mais inovadora e eficaz.

E porque é que ele não fez esse trabalho universitário? Segundo Eduardo, sempre irónica ou melancolicamente implacável consigo próprio, devido à «preguiça», ao gosto pelo «paleio», como diz. O que não é verdade: não o fez por uma necessidade, muitas vezes uma *urgência* até, de intervenção, de intervenção e de escrita, não obstante os amargos de boca e a incompreensão de muitos, mesmo alguns que lhe são próximos, por essa sua não realização na chamada «carreira universitária».

Essa necessidade, ou urgência, de escrita, é também o que caracteriza o que nele há de criador, de escritor, de pulsão poética. E trouxe-lhe ao longo dos anos algumas incompreensões, incompreensões decerto ainda mais dolorosas para quem em geral viveu numa grande solidão. Para ter ideia da amplitude dessa solidão é preciso vê-lo, conhecê-lo, em Vence, onde vive há tantos anos, longe da pátria (forma também de estar mais perto dela e melhor a pensar...) e de quase tudo que lhe é querido. As homenagens que lhe têm sido prestadas nos últimos tempos, isto que hoje aqui se passa e é muito bonito, constitui apenas uma justiça tardia em relação a alguém que durante décadas esteve praticamente cercado por uma grande incompreensão e uma grande solidão.

A faceta do Eduardo escritor, e não só escritor de ideias, escritor *tout court*, ressalta muitíssimo dos seus textos. Quando me pedem para dizer alguma coisa a seu respeito, como não sou ensaísta nem crítico, mas sei «ler», prefiro sublinhar essa sua condição ou qualidade de escritor, pura e simplesmente lendo alguns dos seus textos. Basta ouvi-los para se ver que, independentemente da justeza, da intuição, da subtileza, da inteligência do que escreve, está lá, inteiro, um escritor, um criador.

Vou apenas dar dois brevíssimos exemplos. Um, o início de *Fernando, Rei da Nossa Baviera*: «Custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa que ele mesmo. Pela simples razão de que foi Pessoa que descobriu o modo de falar de si tomando-se sempre por um outro. E como os deuses lhe concederam um olhar imparcial como a neve, o retrato que nos devolve do fundo do seu próprio espelho brilha no escuro como uma lâmina.» Isto, obviamente, é literatura.

Ou, também citação muito curta, uma página do seu Diário, quando completa cinquenta anos, na qual está aliás muito presente a solidão que referi: «Cinquenta anos. No silêncio mais completo. Nem da família lembrado, salvo da prisioneira livre em África. Silêncio merecido, quase alegre, correspondendo ao sentimento fundo da minha inexistência que hoje nem sequer me dói como na década furiosa dos 20 aos 30 anos. Espectáculo e cenário exteriores uníssonos. Annie de novo em plena crise de asma. Gil com varicela. Tudo isto sob um céu azul impecável que desrealiza tudo quanto cobre. Cinquenta anos. Espelho que volto lentamente para mim e onde não vejo ninguém. Só eu me sei o Ulisses de tão desastrosa aventura.»

Uma última nota sobre a rara dimensão humana de Eduardo Lourenço e a felicidade de ser seu amigo. Ser amigo dele tem, entre muitos outros privilégios, o de poder desfrutar do que se pode chamar a sua fabulosa «obra não escrita», para citar um brilhante texto da Lídia Jorge num dos vários dossiers que no *Jornal de Letras* dedicámos ao Eduardo. É essa obra não escrita, que emparceira com a escrita, que ele tem deixado e continua a deixar espalhada por aí, apetece dizer que desde Rio Seco até, lembrando Cesário, «Madrid, Paris, Berlim, São Petersburgo, o mundo!»...

Espalhada por esse mundo no qual tem sido *peregrino e embaixador* da nossa cultura — e uma coisa que acho imperdoável é o Eduardo Lourenço haver desempenhado as funções de conselheiro cultural numa embaixada e não ter sido, com o respectivo estatuto, aquilo que efectivamente desde há muito é: um verdadeiro e extraordinário embaixador, e muito itinerante, da cultura portuguesa. As suas conferências, charlas, intervenções várias, as mais das vezes falando de improviso, amiúde são fantásticas e mostram a sua surpreendente

e sempre renovada capacidade de pensar e repensar as coisas, de inovação e originalidade — delas acabando por não ficar nenhum registo.

Mas essa obra não escrita, para nós os seus amigos, está também em cada momento de conversa, no tal «paleio» no meio do qual há de súbito uma verdadeira *fulguração* ao nível das ideias, do pensamento, da expressão verbal, da magia da palavra.

Enfim, o Eduardo faz-me lembrar duas pessoas. Por vezes está doente, mesmo doente, ou esqueceu-se de tomar os comprimidos, essas coisas, ou está abatido, cansado, angustiado — e de repente começa a falar, a pensar, a articular ou mesmo *efabular* ideias, e vai-se transformando. Não numa máquina, como dizia o poeta, de produzir entusiasmo, ou de produzir poesia, mas como uma fantástica *máquina pensante*. E de facto começa a ser outro, lá se vai a doença, a angústia, o que seja — transfigura-se. O que me lembra outro grande amigo, artista genial, já desaparecido, com quem durante anos andei aí pela pátria a dizer versos e ele a tocar: o Carlos Paredes, claro. Quem o conheceu sabe que ele era um homem pesado, desajeitado, aparentemente *mole*, sem fibra. Começava a tocar guitarra e transformava-se completamente, passava a ser outro. A guitarra do Eduardo Lourenço é o seu pensamento.

Sempre distraído para o acessório mas atento ao essencial, no meio dessa distração de súbito tem, espécie de relâmpago, uma frase, uma expressão, uma palavra — certa, fulgurante ou cintilante. Por isso a outra pessoa que o Eduardo por vezes me lembra é a Sophia. A expressão verbal, a escrita e a palavra são também o *canto* do nosso Eduardo Lourenço. O *canto do signo* de um homem que um dia, falando-me da sua existência física, quando desejava ter uma existência angélica, me disse: «O que eu queria mesmo era voar. Voar.»

[Este texto tem por base a intervenção oral do autor]

JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS